



Fecomércio RN
Sesc | Senac



JORNAIS - PORTAIS - BLOGS

ANÁLISE DE MÍDIA

RIO GRANDE DO NORTE

Veículo: Agora RN (impresso)

Data: 03/01/2020

Caderno/Coluna:
Cidades

Fecomércio

Aspecto:
Neutra

Produção

Feriados prolongados deveriam ser banidos, dizem empresários

Para o presidente da CDL Natal, José Lucena, feriados têm lado perverso ao atingir o segmento de comércio de rua; varejo e indústria no País deixarão de faturar quase R\$ 12 bilhões em 2020

Os feriados prolongados podem ser bons para muita gente, mas é péssimo para a economia, especialmente o comércio e a indústria, que continuam pagando água, luz e funcionários nesses dias, sem faturar ou produzir.

A Federação do Comércio de São Paulo estima que, em 2020, com os feriados prolongados, o varejo e as indústrias deixarão de faturar R\$ 11,8 bilhões – o que terá reflexos sobre a criação de postos de trabalho.

Para o atual presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Natal, José Lucena, os feriados prolongados têm um lado ainda mais perverso ao atingir especialmente o comércio de rua, que teoricamente precisa mais de faturamento.

“Os shoppings ainda têm as praças de alimentação, que se beneficiam desses dias, mas o resto do comércio, não”, argumenta.

Para o ex-presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Natal Augusto Vaz, essa é uma situação insustentável para um país que projete crescer.

“Nos últimos anos, uma das nossas lutas tem buscado evitar, no âmbito da Câmara Municipal, a criação de novos feriados e, pelo menos por enquanto, os vereado-



Natal terá seis feriados prolongados em 2020; empresários listam prejuízos

res têm sido sensíveis a essa proposta”, diz.

Para o presidente da Federação da Agricultura do RN, José Vieira, feriados prolongados não são bons na capital e no interior. “O que dizer das cidadezinhas do interior, que precisariam ainda mais do faturamento normal, mas são privadas dele?”. E acrescenta:

“Por mim, tirando um ou outro mais importante, o resto desses feriados deveria ser simbólico e constar apenas no papel, sem qualquer efeito prático”, opina.

Para o empresário Caio Fernandes, que há décadas atua no setor imobiliário de Natal, feriado prolongado ou qualquer feriado são sinônimo da mesma coisa: prejuízo.

“Não entra na minha cabeça que um país que precisa crescer como o nosso ainda tenha a quantidade de feriados que temos”, dispara.

Para o presidente da Federação do Comércio do RN, Marcelo Queiroz, as perdas com feriados são significativas. “Não temos, ainda, um levantamento detalhado destas para o RN”, acrescenta.

Queiroz, no entanto, atenua os prejuízos, “sobretudo se considerarmos que, dos sete feriados realmente prolongados do ano (excetuando o Carnaval), seis são feriados nacionais. Com isso, espera-se um incremento no fluxo de turistas, impactando positivamente a movimentação de outros setores do comércio e dos serviços”, conclui.

OS FERIADOS

Este ano chegou com sete feriados prolongados em Natal e, destes, seis são feriados nacionais. Apenas o feriado municipal de Santos Reis, em 6 de janeiro, permite estender o fim de semana, já que cai numa segunda-feira.

Os demais feriados locais, que são o Dia Estadual à Memória dos Protomártires de Uruaçu e Cunhaú, em 3 de outubro, e de Nossa senhora da Apresentação, 21 de novembro, serão em dois sábados.

Além desses feriados, 2020 terá quatro dias facultativos: segunda-feira e terça-feira de Carnaval, Quarta-feira de Cinzas e Corpus Cristh. Essas datas também podem ser usadas para prolongar o fim de semana. Ao todo, doze feriados irão compor o calendário de 2020 na cidade.

Veículo: Agora RN (impresso)

Data: 03/01/2020

Caderno/Coluna:
Opinião

Notícia de Interesse

Aspecto:
Neutra

Menor desde 2015

Cai superávit em 2019

A balança comercial brasileira teve, em 2019, o menor superávit desde 2015. O saldo ficou positivo em US\$ 46,7 bilhões, 19,6% abaixo do registrado em 2018. Segundo o Ministério da Economia, o resultado é explicado pelas quedas no valor das exportações quanto das importações.

No caso das exportações, a redução foi puxada pelo menor valor de vendas externas de produtos manufaturados. Automóveis, autopeças, veículos de carga e plataformas para extração de petróleo estão entre as maiores reduções, segundo a Secretaria de Comércio Exterior. O valor das exportações de manufaturados foi de US\$ 77,4 bilhões, US\$ 8,7 bilhões abaixo de 2018 e média diária menor em 11,1%.

Segundo a pasta, o aprofundamento da crise argentina foi um dos fatores que prejudicaram as exportações de manufaturados.



Fecomércio RN
Sesc | Senac



JORNAIS - PORTAIS - BLOGS

ANÁLISE DE MÍDIA
BRASIL

Veículo: Folha de São Paulo	Data: 03/01/2020	Caderno/Coluna: Mercado	Notícia de Interesse	Aspecto: Neutra
------------------------------------	-------------------------	--------------------------------	-----------------------------	------------------------

Bolsa reduz taxas para que corretoras atraíssem investidores

Isabela Bolzani

SÃO PAULO A B3 (Bolsa de Valores brasileira) anunciou nesta quinta-feira (2) a redução das tarifas cobradas para investimentos no mercado de ações e de balcão, em uma iniciativa que tem por objetivo atrair mais pessoas para o mercado financeiro.

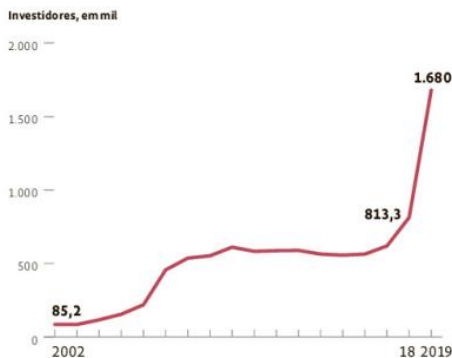
Dentre as principais mudanças estão a isenção do custo fixo de manutenção da conta (de R\$ 110 ao ano para investidores locais) e a isenção da tarifa de custódia para os investidores com menos de R\$ 20 mil, situação que beneficiaria 65% dos investidores.

Segundo a Bolsa, se as novas tarifas estivessem valendo, ela teria tido receita R\$ 250 milhões menor no ano passado.

Essas taxas, na prática, já não são cobradas de investidores, mas pagas pelas corretoras à B3. Segundo o presidente da Bolsa, Gilson Finkelsztain, a medida deve ajudar corretoras a atrair mais investidores.

"Isso elimina as restrições orçamentárias de corretoras e pode ser um estímulo significativo para a atração de clientes. Além disso, as mudanças também impactam investidores institucionais e pessoas jurídicas", disse.

Número de investidores pessoa física dobrou em um ano na Bolsa



E saltou também o volume diário de negócios



Fonte: B3

No último ano, o número de investidores na B3 mais que dobrou, de 813 mil para 1,7 milhão ao fim de 2019.

Além disso, outras medidas como a diminuição automática de tarifas conforme o aumento do volume investido, a equalização de taxas entre os diferentes investidores, o estímulo a operações de empréstimos de ativos e uma tabela específica para grandes day traders (que fazem a negociação de ativos ao longo do dia), também estão entre as alterações.

Em dezembro, Finkelsztain já havia sinalizado que a companhia estudava formas de desonerar as taxas impostas às corretoras para atrair pessoas físicas ao mercado de capitais.

Além do cenário econômico mais propício para a Bolsa de Valores, o movimento também vem em um momento de esforços conjuntos entre a própria B3 e a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) para fomentar uma maior competição no segmento.

Segundo o presidente da B3, ainda que essas mudanças impliquem em uma redução de receita no curto prazo para a companhia, o aumento da base de investidores mitigaria esses efeitos no longo prazo. "Esse aumento virá de di-

versas frentes mas, principalmente, de três: do maior volume de pessoas físicas que começarão a operar no mercado acionário, do maior volume que fundos locais continuarão a ter na captação para multimercados e de ações e também do maior volume que esperamos capturar de investidores estrangeiros", disse.

Para ele, o momento mais favorável ao mercado de capitais diante da agenda de reformas do governo e do cenário de inflação sob controle e juros na mínima histórica tem sido os catalisadores do setor.

O Ibovespa, o principal índice de ações do Brasil, se valorizou 32% em 2019.

"O nosso objetivo não é maximizar a receita de curto prazo da companhia, mas fortalecer o mercado de capitais no médio e longo prazo, dando abertura para mais investidores entrarem. Estamos fazendo isso agora porque a B3 é uma empresa cuja receita aumenta em função do maior volume de negócios e não proporcionalmente a custos", disse.

Ainda de acordo com o executivo, as alterações serão implementadas ao longo de 2020, mas a expectativa é que, até o final do primeiro semestre, ao menos as mudanças

para pessoas físicas já estejam em vigor.

"Ainda precisamos finalizar as adaptações no sistema da B3, mas a ideia é que esse cronograma seja antecipado assim que tivermos o 'ok' dos participantes do mercado", completou Finkelsztain.

Sobre a maior competição no mercado, Finkelsztain afirmou que já considera a B3 uma empresa muito competitiva e que tem trabalhado com a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) para permitir uma real competição entre a B3 e Bolsas estrangeiras.

"Temos tentado atacar o tema de exportação de mercado. Esse é o nosso maior empecilho e entendemos que, para isso, não pode ter uma arbitragem regulatória. É isso que precisamos preservar para sermos tão competitivos quanto lá fora", disse.

As discussões em torno da concorrência com o exterior ganharam força quando a XP optou por abrir capital nos Estados Unidos.

No mesmo dia em que a XP começou a ser negociada na Nasdaq, a CVM colocou em consulta pública um edital para tentar permitir que investidores comuns possam comprar papéis de empresas estrangeiras na Bolsa brasileira.

Veículo: Estadão	Data: 03/01/2020	Caderno/Coluna: Economia	Notícia de Interesse	Aspecto: Neutra
-------------------------	-------------------------	------------------------------------	-----------------------------	---------------------------

Queda. País registrou superávit de US\$ 46,7 bilhões no ano passado, queda de quase 20% em relação ao número de 2018 e o pior resultado desde 2015; queda contínua nas exportações de manufaturados sinaliza a falta de competitividade do Brasil, diz especialista

Argentina e briga entre EUA e China derrubam saldo da balança comercial

A balança comercial brasileira teve em 2019 o menor superávit desde 2015, quando ficou em US\$ 19,5 bilhões. O saldo do ano passado foi positivo em US\$ 46,7 bilhões, 19,6% abaixo do registrado em 2018. Tanto importações como exportações recuaram. No caso das vendas para fora, a queda foi consequência, principalmente, da crise argentina e da guerra comercial entre China e Estados Unidos, que freou o comércio global.

No ano, as exportações somaram US\$ 22,4 bilhões, registrando queda de 7,5% na comparação com a média diária de 2018. Já as importações chegaram a US\$ 177,3 bilhões, com retração de 3,3% na média diária.

Na apresentação do resultado da balança comercial, o secretário de Comércio Exterior do Ministério da Economia, Lucas Ferraz, afirmou ontem que o foco do governo não é a obtenção de saldos comerciais, mas a elevação da corrente de comércio – ou seja, do volume de exportações e importações somados. Ferraz justificou, porém, que o comércio em todo o mundo tem crescido de forma mais lenta. Além disso, “choques de curto prazo” também afetaram o desempenho da balança, como a febre suína na China, que reduziu as compras de soja.

Exportações. Mercadorias industrializadas, como carros e autopeças, estão entre as que registraram as maiores reduções nos embarques, com recuo de



Movimentação. Exportação de manufaturados caiu para 34,6

11,1% da média diária. Tendo como principal comprador a Argentina, que enfrentou em 2019 seu segundo ano de recessão, esses produtos acabaram tendo seus embarques reduzidos. O país vizinho diminuiu suas compras do Brasil em 35,6%.

O economista Jankiel Santos, do Santander, destaca que, mesmo que a Argentina estivesse em uma situação melhor, os embarques brasileiros também teriam sido fracos. “O cenário em 2019 foi de arrefecimento do comércio global.”

Para o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, porém, a queda contínua na exportação de manufaturados nos últimos anos sinaliza a falta de competitividade do

● **Falta de competitividade**
“Focamos as exportações de manufaturados para a Argentina. Quando esse mercado tem um problema, não conseguimos correr para outro, porque não temos preço para competir.”

José Augusto de Castro
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL

País. “Pode ser um problema estrutural da indústria, pode ser produtividade baixa, mas claramente temos aqui o custo Brasil atrapalhando.”

Segundo levantamento de Castro, as exportações de produtos básicos, como comodi-

RAFAEL ARBEX / ESTADÃO - 19/9/2019



% , menor nível em 40 anos

ties, chegaram a 52,7% no ano passado, o maior patamar desde os anos 80. Ao mesmo tempo, a de manufaturados caiu para 34,6%, o menor nível dos últimos 40 anos.

“Focamos as exportações de manufaturados para a Argentina. Quando esse mercado tem um problema, não conseguimos correr para outro, porque não temos preço para competir”, diz Castro, que acredita que esse quadro pode começar a se reverter em 2021, com o resultado das reformas trabalhista e tributária.

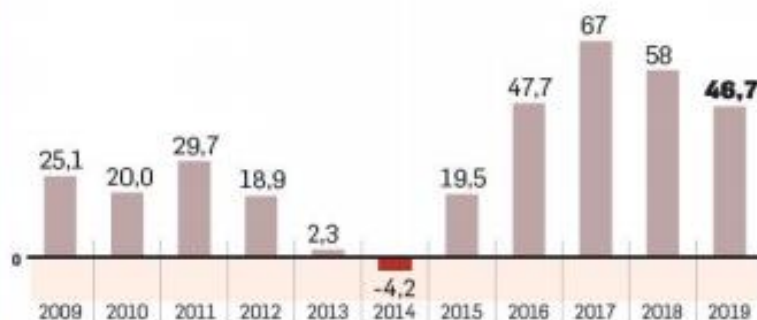
Desembarques. Do lado das importações, apesar da queda do valor dos produtos comprados do exterior, há sinais de uma recuperação, segundo San-

MENOS FAVORÁVEL

● Diferença entre o que o Brasil exportou e importou no ano passado

Saldo da balança comercial

EM BILHÕES DE DÓLARES



FONTE: MINISTÉRIO DA ECONOMIA

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

tos, do Santander. “Quando se olha o volume importado, e não o preço, há uma melhora nos bens de capital (*máquinas*). A questão é que os preços desses produtos não têm reagido, por causa da economia global (*que vinha desacelerando*).”

Economista do Itaú, Julia Gottlieb destaca ainda que plataformas de petróleo que já operavam no Brasil tiveram de ser “reimportadas” por uma questão contábil, o que inflou os números, principalmente os de 2018. “Descontando as plataformas, as importações teriam passado de US\$ 171 bilhões em 2018 para US\$ 174 bilhões em 2019, uma alta em linha com a recuperação da atividade.”

Para 2020, os economistas projetam um aumento mais sig-

nificativo nas importações, decorrente da melhora da economia e, portanto, do poder de compra do consumidor brasileiro. A alta nas importações deve reduzir o saldo da balança comercial ainda mais, já que a previsão é de estabilidade nas exportações.

A AEB estima um superávit de US\$ 26 bilhões. “As importações devem avançar no mínimo 6,6%, por conta do crescimento do PIB entre 2,5% e 3%. Menor desemprego vai gerar mais consumo e mais importação”, diz Castro. Para o Itaú e o Santander, o saldo deverá cair, mas se manter em um patamar mais elevado: US\$ 40 bilhões e US\$ 38 bilhões, respectivamente. /LUCIANA DYNIEWICZ E

DIANA TOMAZELLI, DE BRASÍLIA

Veículo: Estadão

Data: 03/01/2020

Caderno/Coluna:
Economia

Notícia de Interesse

Aspecto:
Neutra

Bolsa sobe 2,5% e inicia 2020 com novo recorde

Mercado ficou otimista com data para assinatura da 'fase 1' do acordo EUA-China; índices americanos têm marcas históricas

Os principais índices de ações nos Estados Unidos e no Brasil começaram o ano renovando máximas históricas, apoiados no otimismo em relação à assinatura da "fase 1" do acordo entre Estados Unidos e China. Em meio a isso, tanto lá fora quanto no Brasil, houve fatores adicionais que ajudaram a incrementar o apetite por risco.

No exterior, ainda na madrugada, o Banco do Povo da China (PBoC, na sigla em inglês) cortou taxas de compulsório, injetando mais de US\$ 100 bilhões em liquidez no sistema. Internamente, o avanço de índices de confiança e o maior volume de emplacamentos de veículos dos últimos cinco anos, segundo dados da Fenabreve, reforçaram a ideia de retomada da economia brasileira, o que levou o Ibovespa, o principal indicador

da Bolsa de São Paulo, a ir bem além de seus pares, ao subir 2,53%, fechando aos 118.573,10 pontos, novo recorde.

A onda de altas globais ocorreu após o presidente Donald Trump anunciar, no último dia de 2019, a data de 15 de janeiro para oficializar a primeira etapa do acordo com os chineses e dizer que iria a Pequim para já iniciar as tratativas da próxima fase.

No Ibovespa, apenas cinco papéis recuaram e, entre os destaques de alta, a ação da B3 ganhou 5,78%, impulsionada pelo anúncio de uma nova política tarifária, incluindo a redução de valores para quem opera grandes volumes.

Em Nova York, o S&P 500 marcou 3257,85 pontos (+0,84%), o Dow Jones, 28.868,80 pontos (1,16%) e o Nasdaq, 9.092,19 pontos

(1,33%), todos em nível recorde.

"O clima externo é positivo e isso ajuda a embalar o contexto local depois de uma leve correção, com investidores voltando às compras", diz o economista Silvio Campos Neto, sócio da Tendências Consultoria Integrada. No último dia útil de 2019, o Ibovespa caiu 0,76%, mas terminou o ano com ganhos de 31,58%.

Para Campos Neto, a consolidação de informações e indicadores recentes sobre a economia brasileira também contribuíram para o desempenho na B3 nesta quinta-feira pós feriado de Réveillon.

Enquanto isso, o dólar ante o real acompanhou o movimento global da moeda e subiu 0,31%, a R\$ 4,0242 no mercado à vista./

MARIA REGINA SILVA e ALTAMIRO SILVA JUNIOR

VENTOS FAVORÁVEIS

● Investidores iniciaram o ano com otimismo

Ibovespa

EM NÚMERO DE PONTOS



FONTE: BROADCAST

INFOGRÁFICO: ESTADÃO

B3 reduz tarifas e pede simplificação para IR de investidor

● A B3, a Bolsa de Valores de São Paulo, alterou sua política de tarifas para os serviços no mercado de renda variável e da central

depositária. A mudança prevê tarifas menores para investidores com maiores volumes, assim como a redução automática de tarifas de acordo com o volume de cada investidores.

Depois de anunciar mudanças em seu modelo de tarifação, de olho no aumento do número de investidores, a B3, espera pro-

gressos nas discussões junto ao governo federal para a simplificação da cobrança de imposto de renda para os investidores de renda variável. Essa é uma demanda bastante antiga do mercado e será mais uma frente a ser enfrentada para ajudar a popularizar os investimentos em ações no País.

Veículo: O Globo

Data: 03/01/2020

Caderno/Coluna:
Economia

Notícia de Interesse

Aspecto:
Neutra

VENDAS EXTERNAS

SALDO COMERCIAL É O MENOR EM 4 ANOS

Peste suína na China e recessão na Argentina afetam desempenho



Menos embarques. Navio carregado de contêineres no Porto, no Rio de Janeiro: exportações caíram 7,5% em 2019, somando US\$ 224 bilhões. As importações também foram menores 3,3%

MARCELLO CORRÊA
marcello.correa@oglobo.com.br
BRASÍLIA

O Brasil fechou 2019 com o pior saldo na balança comercial em quatro anos. No ano passado, as exportações superaram as importações em US\$ 46,7 bilhões — menor valor desde 2015, quando o superávit fora de US\$ 19,5 bilhões. O resultado é reflexo do ritmo fraco da economia mundial, agravado por crises vividas por parceiros importantes, como a China e a Argentina. Para especialistas, esses fatores devem persistir, e o comércio exterior terá mais um ano fraco em 2020, com novo recuo no saldo, causado ainda pela incerteza em relação à guerra comercial entre China e EUA e crescimento global modesto.

O desempenho do ano passado foi puxado principalmente pelas exportações, que

recuaram para US\$ 224 bilhões, queda de 7,5% em relação a 2018, segundo os dados divulgados ontem pelo Ministério da Economia. O saldo comercial só não foi menor porque as importações também caíram: retração de 3,3%, para R\$ 177,3 bilhões — reflexo da atividade econômica fraca.

O secretário de Comércio Exterior do Ministério da Economia, Lucas Ferraz, minimizou a queda no saldo comercial e disse que o objetivo do governo é ampliar a participação do Brasil no mercado internacional. Ele reconheceu, no entanto, que o desempenho de 2019 foi negativo, mesmo olhando para esse objetivo. A soma de importações e exportações — a corrente comercial — fechou no vermelho:

— O foco central da agenda de comércio do governo Jair Bolsonaro não passa por saldos comerciais. Nosso objeti-

vo é aumentar o grau de integração e contribuir com a produtividade, crescimento de longo prazo e geração de emprego e renda.

O efeito China foi o que mais pesou na queda nas exportações. A febre suína, que fez o país asiático perder cerca de metade da produção de porcos, derrubou a demanda chinesa pela soja brasileira. As exportações do grão diminuíram US\$ 6,7 bilhões. A perda não foi compensada pelo aumento das vendas de carne, que ficaram abaixo de US\$ 1 bilhão.

A recessão argentina foi responsável por um impacto negativo de US\$ 5,2 bilhões nas exportações de manufaturados. Pela primeira vez em 16 anos, o Brasil encerrou o ano com déficit comercial com o país vizinho — ou seja, importou mais que exportou.

Segundo cálculo do Ministério da Economia, não fos-

DESEMPENHO DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA

EM US\$ BILHÕES



Fonte: Ministério da Economia

Editoria de Arte

sem essas duas crises, as vendas externas que fecharam o ano em queda de 0,3%, teriam crescido 2% — mais do que a média mundial, de 1,2%.

De acordo com analistas, a recessão na Argentina e a peste suína na China devem continuar em 2020. Na Argentina, não há perspectiva de recuperação este ano. A China deve demorar para recompor seu rebanho de suínos.

O presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, projeta que as exportações devem recuar 3% em 2020. Já as importações devem subir 6,5%, caso a expectativa de melhora da economia se confirme. Com isso, o saldo comercial recuaria 44%, para US\$ 26,1 bilhões:

— A China vai levar cinco anos para recompor o plantel suíno que ela tinha. A crise argentina vai depender das medidas que forem adotadas, mas, independentemente disso, 2020 está perdido.

O setor exportador já mira 2021 como um ano de retomada. A expectativa é que medidas adotadas ao longo do ano passado como mudança nas leis trabalhistas e redução na burocracia, tenham efeito no ano que vem.

CONCORRÊNCIA DO EUA

O economista Silvio Campos Neto, da Tendências, também vê um cenário difícil este ano. A projeção da consultoria é de superávit comercial de US\$ 37,4 bilhões (queda de 19% frente a 2019), com queda das exportações e alta nas importações. O analista lembra que há incertezas sobre os desdobramentos da guerra comerci-

al entre China e EUA.

— Pode pesar em 2020 o compromisso que a China fez perante os EUA de ampliar compras de produtos agrícolas americanos. Pode haver um deslocamento de demanda de produtos brasileiros para os EUA, que nos afetaria negativamente, mas de forma pontual. No contexto mais amplo, o acordo é bom para a economia mundial — avalia Neto.

Já o professor da USP Simão Davi Silber pondera que a economia mundial continuará desafiadora neste ano, com incertezas como o efeito do Brexit no humor global:

— Pelos dados da OMC, o comércio mundial em 2019 caiu. Economistas acreditam que o resultado ruim do comércio mundial é prenúncio de possível recessão ou desempenho modesto da economia global em 2020.

Veículo: O Globo

Data: 03/01/2020

Caderno/Coluna:
Economia

Notícia de Interesse

Aspecto:
Neutra

PIB deve ser maior em 2020, mas cenário externo é risco

Analistas esperam alta acima de 2%, o dobro do resultado de 2019

PEDRO CAPETTI
pedro.porto@infoglobo.com.br

O ano de 2019 começou com otimismo, com a esperança de aprovação rápida de reformas, principalmente da Previdência. Esperava-se que o Produto Interno Bruto (PIB) crescesse 2,6%. Ao longo do ano, o pessimismo se instalou, e as previsões caíram para 0,81%, com a tragédia de Brumadinho, a guerra comercial entre Estados Unidos e China e a crise argentina. Ao fim, ali-

beração do FGTS e a melhora ainda que tímida do mercado de trabalho elevaram as projeções para 1,2%.

Para este ano, se nas projeções dos analistas tudo parece igual ao início de 2019, com perspectiva de crescimento acima de 2%, os fundamentos econômicos são distintos. Analistas são unânimes: a recuperação ficou mais sólida.

Lucas Vilela, economista do Credit Suisse, alerta porém que poderá haver revisões nas estimativas de crescimento se

houver desaceleração da economia global:

— Em 2019, as incertezas se concentraram no país, com a tramitação da reforma da Previdência. Para 2020, a agenda do Congresso segue relevante, mas o cenário externo pesará mais. Se a desaceleração global for maior do que se espera, o impacto pode ser expressivo.

O aquecimento mais intenso da economia no segundo semestre de 2019 pode ajudar o resultado da economia este ano. Analistas ressaltam que o

Brasil poderá crescer pelo menos 1% em 2020 só por causa do chamado “carregamento estatístico” de um último trimestre mais aquecido. Mesmo se a variação da economia for zero em 2020, o PIB deve crescer 1%, graças ao efeito estatístico propiciado por um fim de 2019 melhor.

— Estamos entrando em 2020 com uma taxa de juros muito mais baixa do que era no ano passado e com rentabilidade das empresas muito boa, favorecendo os investimentos — diz Francisco Pires, economista da UFRJ.

MENOS RISCO

Em 2019, a previsão inicial de expansão de 2,6% logo deu lugar a indicadores mais modestos. No auge do pessimismo, os analistas chegaram a prever

que o país entraria novamente em recessão técnica, com o PIB recuando por dois trimestres seguidos. Isso acabou não ocorrendo, graças à aprovação da reforma da Previdência e à injeção de R\$ 42 bilhões com a liberação dos saques do FGTS.

Se em 2018 a retomada da economia ficou só na expectativa, em 2019 o consumo das famílias e a construção civil reagiram, refletindo a queda da taxa básica de juros — de 6,5% para 4,5%. A inflação ficou contida e deve ter fechado 2019 próxima dos 4% (o IBGE divulga o número oficial no dia 10), abaixo da meta, de 4,25%, pelo terceiro ano seguido.

—O ano de 2019 teve o mesmo perfil de 2017 e 2018, de crescimento próximo a 1%, mas por trás dos números há realidades diferentes. Termi-

namos melhor do que 2018. Fizemos a reforma da Previdência e houve uma mudança quantitativa e qualitativa da política fiscal. Isso faz diferença — explica Gesner Oliveira, sócio da GO Associados.

Em 2019, o risco-Brasil chegou a 98 pontos, o menor desde 2010. A mudança de perspectiva da agência de avaliação de risco S&P sobre a nota de crédito do Brasil, de estável para positiva, também indica 2020 melhor.

A despeito da melhora da economia, o mercado de trabalho se recupera lentamente.

—A geração (de vagas) é lenta, poderia ser mais acentuada. Nesse ritmo, a taxa de desemprego só vai cair abaixo de 10% em 2022 (está em 11,2%) — afirma Bruno Ottoni, da consultoria iDados e da FGV.